

A lírica de Horácio: uma lição clássica de contornos atuais

José Mario Botelho (UERJ)

Introdução

Toda leitura crítica de um texto poético exige do estudioso – leitor especial – a consciência de que a sua efetivação deva ir além dos limites do literal, já que é exatamente nas entrelinhas que o autor astuto revela o seu íntimo e diz o não-dito.

Por conta disso, todo texto poético sugere um mundo que deve ser recriado pelo leitor, e que além de uma leitura literal sempre há a possibilidade de mais de uma leitura literária, que depende de vários fatores.

A condição sob a qual foi feito o texto é tão-somente um dos fatores relevantes para se fazer uma leitura crítica. Assim é que a vida do poeta, sua formação intelectual, seu ciclo de amizade, entre outras particularidades de suas experiências de mundo, tornam-se elementos fundamentais para uma leitura, que se deseja crítica.

Nos textos horacianos, podemos observar um mundo muito semelhante ao nosso atual. Horácio fala de coisas muito presentes em nossas atuações diárias; analisa-as e ora nos oferece ânimo para solucionar problemas, ora nos diverte com sua ironia, ora nos emociona com seu moderado lirismo. E tudo isso compõe o seu ensinamento,

que se faz espiritualista, filosófico, gracioso, romântico e acima de tudo didático.

Este trabalho, portanto, objetiva apresentar uma leitura descritiva do Epodo VII e das Odes I, 9 e I, 11, com a intenção de aproveitar tais caracteres como lições de vida e de arte para a atualidade e certamente para a posteridade.

Para isso, fez-se necessário um breve reconhecimento do histórico de Horácio, como base dos elementos de inferências necessárias à leitura crítica desses textos.

Um pouco sobre Horácio

Sobre Horácio, muito se poderia dizer, porém o que é mais relevante, quando se deseja apresentar uma leitura crítica de sua obra e procurar estabelecer uma conveniência com o seu modo de vida, é a sua formação moral e intelectual.

Não se pode estabelecer uma comparação entre Horácio, o homem, o cidadão romano, e Horácio, o poeta, o artista romano, sem antes se considerar Horácio, o homem histórico, sua trajetória desde o momento em que chega a Roma pela primeira vez até se tornar o grande poeta.

Seu pai, que não era rico, deixando o campo, onde tinha umas pequenas propriedades, levou-o para Roma, confiando-o a mestres famosos, que lhe ensinaram tudo que ele próprio não podiam ensinar, além da educação moral esmerada. Mais tarde, prezando muito mais

a educação grega do que a romana, manda-o para Atenas, onde se aperfeiçoou propriamente dito, aprofundando os seus conhecimentos filosóficos e literários. Retornando a Roma, junta-se a Bruto contra os sucessores de César, combatendo em Filipos. Com a derrota de Bruto, livra-se do escudo e foge. Logo, pôde experienciar o sentido de liberdade política e de republicanismo durante aquela época de inconstância de pensamentos políticos, de círculos de amizade e de tantos outros envolvimento. Aliás, tal **status quo** está presente em sua obra, tanto que difícil se torna chegar a uma conclusão segura acerca das suas idéias políticas ou forma de governo preferida.

Sobre sus ideas políticas o forma de gobierno, si prefería república o imperio, democracia o aristocracia, creemos que sería difícil llegar a una afirmación definitiva. (Bocchetta, 1970, p. 24-5)

Aos 23 anos, regressa a Roma e se vê sozinho (o pai morrera) e sem as terras, que tiveram sido confiscadas. Trabalhou como copista numa repartição administrativa e, paralelamente, passou a desenvolver a sua poética. Era amigo de Virgílio e Vário, que o apresentaram a Mecenas. Mais tarde, apadrinhado por Augusto, a quem foi apresentado pelo seu protetor, Mecenas, pôde desenvolver o seu gênio artístico com a liberdade que lhe fora conferida e que soube preservar de forma conveniente.

Nessa época, ainda jovem escrevera seus primeiros textos das Sátiras e seus epodos e já reunia alguns textos para uma publicação.

Em 35 a. C., publica o primeiro volume das Sátiras e, em 30 a. C., o volume dos epodos e o segundo das Sátiras.

Mostra-se fiel a Mecenas e demonstra grande respeito pelo ditador imperial: sua fé nas virtudes da república já não era exclusiva nesse momento, pois não só não se mostrava contrário ao governo do grande César Augusto, como também demonstrava apreciar muito mais um governo construtivo e de moral elevada, apesar de ditatorial, do que uma república corrupta e corruptora.

Entre 31 e 23 a. C., Horácio escreve as odes dos primeiros livros, que publica conjuntamente. A obra não chegou a agradar ao público em geral, mas agradou àqueles que apreciavam a boa arte. Augusto, erudito de bom gosto, desejou tê-lo junto de si e ofereceu-lhe o cargo de seu secretário particular. Horácio recusou, mas Augusto não se ofendeu com a recusa do grande poeta.

Nessa época, Horácio, que, já reconhecia o direito da autarquia e, paradoxalmente, a necessidade de frear a anarquia dos homens incultos e da massa plebéia, iniciava a elaboração das Epístolas. O primeiro volume das Epístolas foi publicado em 20 a. C.; o segundo, poucos anos depois.

Em 14 a. C., a pedido de Augusto, Horácio juntou aos três livros de odes, um quarto. Pouco depois, publicou “A epístola aos Pisões” (“**Art poética**”).

Em 8 a. C., morreu, logo após a morte de seu querido amigo Mecenas.

Tais informações a respeito de Horácio nos chegam através dos textos daqueles críticos que escreveram sobre ele. São dados relevantes decerto, contudo o que realmente nos importa é o que se concebe de sua obra: as máximas filosófico-poéticas, o senso de patriotismo e respeito aos heróis nacionais, o equilíbrio nas atitudes, o desenvolvimento moral, enfim, todo um conhecimento e ensinamento úteis a tantos e para todas as gerações. Os temas tratados por Horácio são atualidades de todas as gerações até então e tendem a serem por muito mais tempo: fatos atuais são verdadeiros **déjà vu**'s.

Em suas obras, vê-se um homem de contrastes, ora amargo e agressivo ao atacar verbalmente um inimigo ou ao ameaçá-lo, ora pacífico e compreensivo com esses mesmos desafetos, ora dócil e educativo ao aconselhar a juventude ou ao povo romano em geral para o bem da pátria, ora prático e consciente ao tratar as questões amorosas.

Tais contrastes se nos apresentam principalmente no início de sua atividade artística, entre o período de juventude e início de senectude. Na senectude em si, muito maduro, mostra-se equilibrado e coerente. As questões sobre política e formas de governo já não ocorrem mais, ele prefere conduzir o povo a exortar aquele que promove a paz romana (**pax romana**) e ao amor à pátria; as questões sobre rivalidades pessoais são dissimuladas, ele evita ataques diretos; as questões amorosas, que já não se mostravam desvairadas pela paixão, tornam-se ainda mais comedidas.

Na verdade, o próprio poeta parece ter-se conscientizado de sua arte e do que ela representava para a poesia daquela época e do que representaria para a posteridade. Nas suas obras, mormente nas odes, tem-se um homem de espírito positivo, equilibrado e prático, de intelectualidade e moral elevadas.

O que registrou sobre a conduta de Horácio como homem se comprovava em sua obra. Professou e praticou o “**justo medio**” (“a justa medida”), já que era epicurista de natureza romana (“todo esforço deveria ser evitado; o equilíbrio, praticado”).

Horácio valorizava a vida – a sua vida e a de seus contemporâneos –; mostrava-se comedido nas referências a credices e à religião: reforçava a heroicidade dos antepassados, respeitava a crença de seu povo sem exagero e não fazia referências a uma nova religião (se a conhecia, não podia mostrar-se impressionado por ela), era um religioso comedido; refletia sobre si mesmo de forma simples e sincera; valorizava os estudos de obras de autores eminentes, mas reconhecia que a vida e a experiência eram os melhores mestres; não se comprazia com a vida tumultuada da cidade; era um amigo leal dos seus amigos e benevolente com os cidadãos comuns; não tinha vícios (aqueles considerados pecados capitais de sua época); procurava obedecer às leis; contemplava a natureza e acima de tudo venerava a arte poética.

Horace (...) seems to have believed chiefly in the existence of a great moral law, for infringements of which, the transgressor would surely be punished during his lifetimes. (Brooks Jr. In: Bocchetta, op. cit., p. 26)

As lições horacianas de contornos atuais

Começemos por apresentar o Epodo VII em duas versões: em latim, extraída da publicação de “Les Belles Lettres” (Villeneuve, 1946), e em português, tradução particular, e posteriormente uma sintética leitura crítica:

Epodo VII

Quo, quo scelesti ruitis? Aut dexteris
 aptantur enses condit?
parumne campis atque Neptuno super
 fusum est Latini sanguinis,
non ut superba inuidae Carthaginis
 Romanus arces uret,
intactus aut Britannus ut descenderet
 sacra catenatus uia,
sed ut secundum uota Parthorum sua
 urbs haec periret dextera?
Neque hic lupis mos nec fuit leonibus
 umquam nisi in díspar feris.
Furorne caecus na rapit uis acrior
 an culpa? Responsum date.
Tacent, et albus ora pallor inficit
 mentesque percussae stupent.
Sic est: acerba fata Romanos agunt
 scelusque fraternae necis,
ut inmerentis fluxit in terram Remi
 sacer nepotibus cruor.

(Para onde? Para onde vos lançaste impiedosos? Ou por que as espadas, que estavam guardadas, estão coladas em vossas mãos? Acaso foi derramado pouco (de) sangue latino sobre os campos e sobre o mar (de Netuno), não para que o povo romano destruísse as cidadelas soberbas da invejosa Cartago, ou para que o povo britânico, que não se subjuga, descesse a via sacra acorrentado, mas para que, segundo o desejo dos partos, esta cidade (Roma) perecesse pela sua (própria) mão? Jamais houve este costume en-

tre os lobos nem entre os leões ferozes em tempo algum, se não contra uma (espécie) diferente. Acaso a cega fúria, ou a força mais violenta (os) arrebatam? Ou a culpa? Dai vós a resposta! Calam-se, e a alva palidez impregna a face, e a(s) consciência(s) abalada(s) fica(m) estupefata(s). Assim é: destinos cruéis perseguem os romanos, e o crime de morte violenta de irmãos (também), desde que o sangue maldito aos descendentes do inocente Remo derramou pela terra.)

Nesse Epodo, Horácio procura dar uma sacudidela no povo romano, sempre ávido por conquistas de terras alheias e de poder e alheio ao sangue derramado de semelhantes. Chama a atenção, mormente, daqueles que não se satisfazem com o que já conquistaram e desejam transformar um momento de paz em mais uma batalha sangrenta e selvagem.

Lembra a eles que os antepassados o fizeram por um fim: salvar Roma dos ataques inimigos e dar a ela o lugar de destaque merecido. Lembra, ainda, que nem os animais de uma mesma espécie se matam a troco de nada; acontecem disputas entre espécies diferentes. Entre os homens, contudo, a disputa parece pertencer à sua índole furiosa. No caso dos romanos, na opinião do autor, parece ser obra do destino cruel, que os pune pela sua descendência nefasta, já que os gêmeos Rômulo e Remo disputaram a honra de surgimento de sua prole, com a morte de Remo.

Poder-se-ia dizer que Horácio recrimina o homem moderno por sua avidez por honra, por poder e por riquezas, que nada difere da daqueles rudes romanos. Ainda hoje o homem destrói a sua própria raça por puro capricho... por nada.

Horácio também orientou a juventude a aproveitar a vida, sem grandes preocupações, mas com moderação, como se pode observar nas Odes I, 9 e I, 11, que veremos a seguir.

Ode I, 9

Vides ut alta stet niue candidum
Soracte nec iam sustineant onus,
siluae laborantes, geluque
flumina constiterint acuto?

Dissolue frigus ligna super foco
large reponens atque benignius
deprome quadrimum Sabina,
o Thaliarche, merum diota.

Permitte diuis cetera, qui simul
strauere uentos aequore feruido
eproeliantis, nec cupressi,
nec ueteres agitantur orni.

Quid sit futurum cras, fuge quaerere, et
quem fors dierum cumque dabit, lucro
adpone nec dulces amores
sperne, puer, neque tu choreas,

donec uirenti canities abest
morosa. Nunc et Campus et areae
lenesque sub noctem susurri
composita repetantur hora,

nunc et latentis proditor intumo
gratus puellae risus ab angulo
pignusque dereptum lacertis
aut digito male pertinaci.

(Tu vês como está resplandecente na altiva neve o Soracte e já não sustentam o peso (da neve) as florestas que cedem, e, com o gelo penetrante, os rios têm parado? Diminui (tu) o frio, repondo

lenha no fogo abundantemente e, bondoso(/amente), tire do vaso sabino o puro vinho de quatro anos, ó Taliarco. Quanto ao resto, entrega aos deuses, que, neste momento, acalmaram os ventos que combatem no mar violento; nem os ciprestes, nem os velhos freixos são agitados. Que seja o que há de ser amanhã; deixe de procurar em vão, e qualquer dos dias que a sorte (te) conceder, junta ao lucro. Não desprezes, ó rapaz, os doces amores nem as danças, enquanto a velhice desagradável está longe de ti, que estás na mocidade. Assim, não só os comícios como as praças e os doces sussurros, à noite, são retomados na hora combinada; como também o agradável riso de um íntimo ângulo, revelador da misteriosa amada, e a garantia arrancada dos braços ou do dedo mal obstinado.)

Nesta Ode, Horácio se dirige ao jovem Taliarco, aconselhando-o a se proteger do frio do inverno rigoroso, que acaba de chegar, modificando a paisagem. Convida-o a beber um bom vinho ao calor do fogo sem se preocupar com as demais coisas, que devem ficar por conta dos deuses, os quais lhes propiciam aquele momento, que não durará para sempre. Aconselha-o, pois, a aproveitar os melhores momentos da vida enquanto se é jovem e a deixar o futuro nas mãos do destino conseqüente.

Certamente, poder-se-ia pensar que o nosso modelo a ser seguido estivesse fazendo uma apologia à mesmice, à ociosidade, ao nada. Mas tal pensamento logo se desfaz, conhecendo o modo de vida do poeta-filósofo, que já nessa época defendia o epicurismo (Em Horácio, o epicurismo se referia ao equilíbrio moral que se identifica pela relação do bem soberano com o prazer, que só se encontra na prática da virtude e na cultura do espírito.).

Na verdade, o próprio poeta parece ter-se conscientizado de sua arte e do que ela representava para a poesia daquela época e do que representaria para a posteridade. Nas suas obras, mormente nas odes, tem-se um homem de espírito positivo, equilibrado e prático, de intelectualidade e moral elevadas.

O que registrou sobre a conduta de Horácio como homem se comprovava em sua obra. Professou e praticou o “**justo medio**” (“a justa medida”), já que era epicurista de natureza romana (“todo esforço deveria ser evitado; o equilíbrio, praticado”).

O mesmo aconselhamento, que deu a Taliarco e dá, indiretamente, a todos de que a vida é breve e que todos devem aproveitá-la enquanto se tem o vigor da juventude, se pode observar na Ode I, 11 abaixo:

Ode I, 11

Tu ne quaesieris (acire nefas) quem mihi,, quem tibi
Finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
Temptaris números. Vt melius quicquid erit pati.
Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,
Quae nunc oppositis debilitat pumicibus maré
Tyrrhenum, sapias, uina liques et spatio breui
Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit inuida
Aetas: carpe diem, quam minimum crédula postero.

((Que) Tu não procures saber (é sacrilégio saber) que fim, a mim e a ti, ó Leucônia, os deuses terão reservado; nem questiones os cálculos babilônicos. Quão melhor (é) suportar o que vier! Ou Júpiter (te) destinou mais invernos ou (é este) o último, o qual agora quebra o mar tirreno contra as rochas opostas. Que tu sejas prudente, purifiques teus vinhos e, no pouco tempo, cortes a lon-

ga esperança. Enquanto falamos, a idade invejável terá fugido: aproveite o dia; (sê) o quanto menos possível crédula no futuro!)

Horácio fala da necessidade de se redimir diante das vicissitudes da vida e de encarar a vida com prudência, sem que para isso se deixe de gozar as coisas boas que são, como tudo, efêmeras. Por isso, aconselha Leucônia, que representa a juventude pouco observadora e muito imprudente normalmente, a não desafiar as coisas divinas e o se preparar para o futuro que é desconhecido, sem deixar de aproveitar as coisas boas que se lhes oferecem na juventude.

Também essa lição deve servir para a juventude atual e para a posteridade. Principalmente, se levarmos em consideração o que esta nossa juventude considera o “aproveitar a vida” (ou pelo menos, o que os adultos pensam que os jovens consideram ser o “aproveitar a vida”, em virtude de suas atitudes).

Além dessas temáticas abordadas por Horácio com pertinência e com um grau de atualidade elevadíssimo, podemos fazer alusão também à arte do excelente poeta. Horácio é, sobretudo, uma grande escola literária, já que o foi entre os seus contemporâneos, os quais o tinham como o poeta dos poetas, e ainda o é entre nós.

Em sua “arte poética” – carta endereçada aos pisões, que buscavam saber o que faria alguém que quisesse escrever poesia um verdadeiro poeta –, o autor já aconselhava o desenvolvimento da arte do empenho e da arte do dom. Pois eu aconselharia a leitura da obra horaciana.

Considerações finais

Como se pôde constatar com a leitura crítica, que ora foi desenvolvida a partir desses três textos, Horácio se revela em sua obra e se mostra um modelo a ser seguido, não só pelas temáticas, mas, sobretudo, pela forma como tais temáticas foram desenvolvidas.

No primeiro – o epodo –, por ser um texto de sua juventude, utiliza-se de sua espirtuosidade, com um pitadela de ironia e de senso crítico, sem deixar de demonstrar seu conhecimento literário e sua vocação. É o Horácio filósofo e poeta que já se manifestava, apesar de seus vinte e poucos anos de existência.

Nos outros dois – as odes –, textos de sua fase adulta, em que confirma a sua arte, que tem sido uma verdadeira arte-escola por muitas gerações e que tende a sê-lo por muitas que virão.

Certamente, um **corpus** maior nos daria mais elementos para uma apreciação mais detalhada e nos possibilitaria uma constatação mais efetiva da vida de Horácio em sua obra.

Referências Bibliográficas:

BOCCHETTA, Vittore. Horacio em Villegas y em Fray Luis de León. Madrid: Editorial Gredos, 1970.

ERNOUT. A. et THOMAS, F. Syntaxe latine. 2. éd., Paris: C. Klincksieck, 1953 (Nouvelle Collection a l'Usage des Classes; 38).

FARIA, Ernesto. Gramática da língua latina. 2. ed., Brasília: FAE, 1995.

_____. Dicionário escolar latino-português. 3. ed., Brasília: MEC, 1962.

GARCIA, Janete Melasso. Introdução à teoria e prática do latim. 2. ed., Brasília: Editora da UnB, 2000.

HORACIO. Odes: versão portuguesa. Braga: Cruz e Cia Ltda, 1942.

HORACIO. Odas y epodos. Traducción em verso. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid: Instituto Antonio de Nobrega, 1951.

MARMORALE, Enzo. História da Literatura Latina. Vol. I. Tradução de João Bartholomeu Jr. Lisboa: Cor, 1974.

MILLÁN, José Maria Restrepo. Horacio. Bogotá: Imprensa Nacional, 1937.

PARATORE, Ettore. História da Literatura Latina. 3., ed. Tradução de S. J. Manoel Losa. Lisboa: Caloustes, 1983.

VILLENEUVE, F. Odes e épodos. Horacio. Paris: Societé D'édition "Les Belles Letteres", 1946.